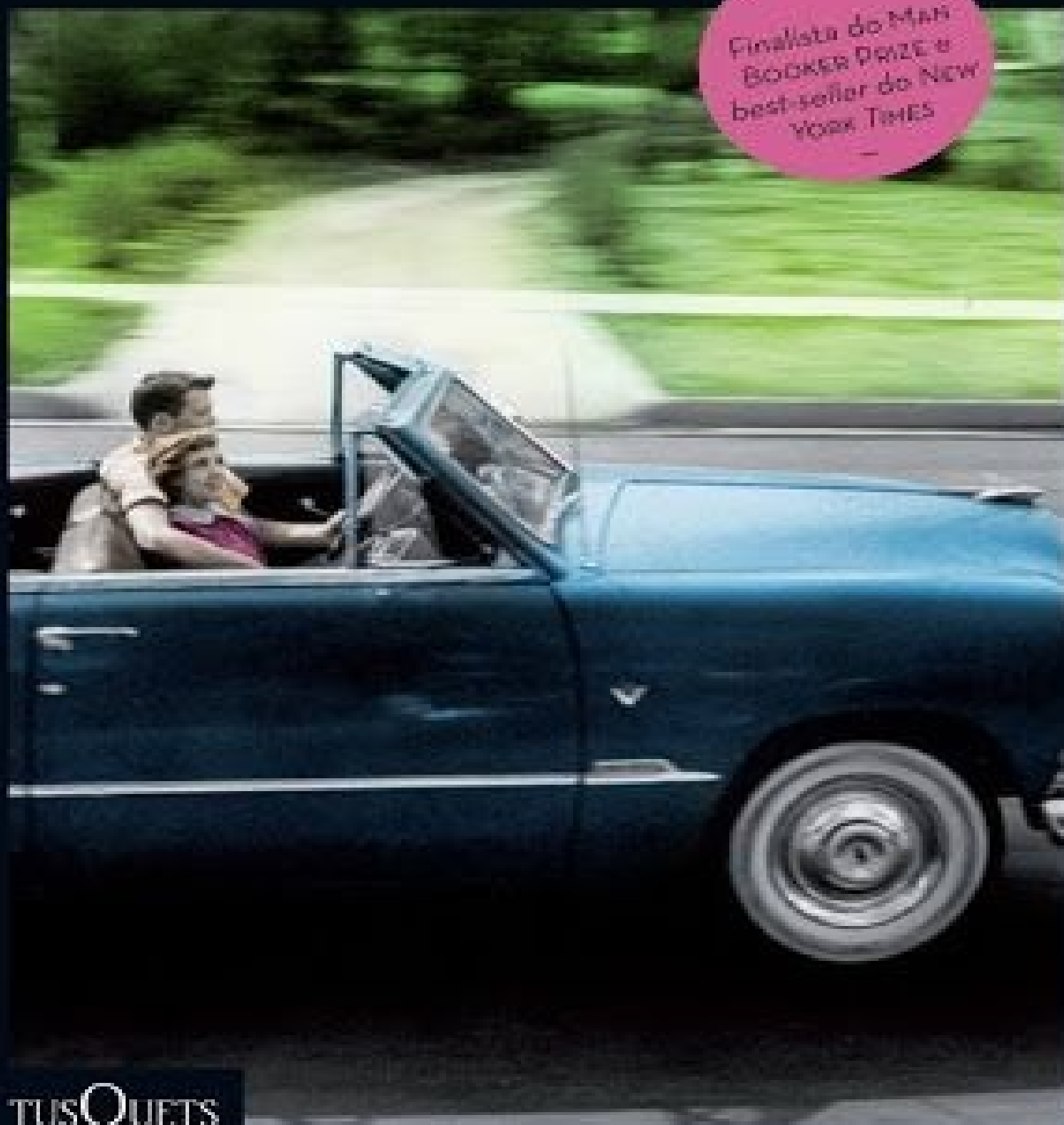


ANNE TYLER
UM CARRETEL
DE LINHA AZUL

Finalista do MAN
BOOKER PRIZE e
best-seller do NEW
YORK TIMES



ANNE TYLER
UM CARRETEL
DE LINHA AZUL

Tradução
Adriana Lisboa

TUSQUETS
EDITORES

Copyright © Anne Tyler, 2015
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2016
Todos os direitos reservados.
Título original: *A spool of blue thread*

Preparação: Aracy dos Reis
Revisão: Isabel Jorge Cury, Thais Rimkus e Maria Aiko Nishijima
Projeto gráfico: Jussara Fino
Diagramação: Vivian Oliveira
Capa: Adaptado do projeto original por Companhia
Imagem de capa: © CARL IWASAKI / Getty Images
Adaptação para eBook: Hondana

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

T972c

Tyler, Anne

Um carretel de linha azul / Anne Tyler ; [tradução Adriana Lisboa]. - 1. ed. -
São Paulo : Planeta, 2016.

Tradução de: *A spool of blue thread*

ISBN 978-85-422-0767-5

1. Romance americano. I. Lisboa, Adriana. II. Título.

16-33905

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

2016

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Padre João Manuel, 100 – 21^o andar
Ed. Horsa II – Cerqueira César
01411-000 – São Paulo-SP

www.planetadelivros.com.br
atendimento@editoraplaneta.com.br

Sumário

**PARTE UM
NÃO POSSO IR EMBORA ENQUANTO O CACHORRO NÃO
MORRER**

**PARTE DOIS
QUE MUNDO, ESTE**

**PARTE TRÊS
UM BALDE DE TINTA AZUL**

**PARTE QUATRO
UM CARRETEL DE LINHA AZUL**

PARTE UM

**NÃO POSSO IR EMBORA ENQUANTO
O CACHORRO NÃO MORRER**

1.

Numa noite de julho de 1994, já bem tarde, Red e Abby Whitshank receberam um telefonema de seu filho Denny. Àquela hora, se preparavam para dormir. Abby estava parada diante da cômoda, vestindo uma combinação, tirando um a um os grampos de seu coque frouxo cor de areia. Red, um homem moreno e muito magro, usava uma calça de pijama listrada e uma camiseta branca, e tinha acabado de se sentar na beira da cama para tirar as meias; por isso, quando o telefone tocou na mesa de cabeceira ao seu lado, foi ele quem atendeu.

— Residência dos Whitshank — disse ele.

Em seguida:

— Ah, oi.

Abby se virou do espelho, as duas mãos ainda na cabeça.

— O que é — ele continuou, sem ponto de interrogação. — Hã? — disse. — Ah, mas que *diabo*, Denny!

Abby deixou cair os braços.

— Alô? — disse ele. — Espere. Alô? Alô?

Ficou em silêncio por um momento, e então desligou o

telefone.

— O que foi? — perguntou Abby.

— Diz ele que é gay.

— *O quê?*

— Disse que precisava me contar uma coisa: ele é gay.

— E você desligou na cara dele!

— Não, Abby. *Ele* desligou na *minha* cara. Tudo o que eu disse foi “mas que diabo”, e ele desligou na minha cara. Pá! Sem mais nem menos.

— Ah, Red, como você *pôde* fazer uma coisa dessas? — reclamou Abby, afastando-se para pegar o roupão, uma peça descolorida de chenile que em algum momento tinha sido rosa. Embrulhou-se nele e amarrou a faixa bem apertada. — O que deu em você para dizer isso? — perguntou a ele.

— Eu não estava dando opinião! Se alguém atirar alguma coisa em cima de você, você vai dizer “mas que diabo”, não vai?

Abby pegou uma mecha de cabelo que caíra sobre a testa.

— O que eu quis dizer — explicou Red — foi “que diabo vem *agora*, Denny? O que você vai inventar para nos deixar preocupados?”. E ele sabia que era isso o que eu queria dizer. acredite, ele sabia. Mas agora pode dizer que tudo isso foi *minha* culpa, minha mente fechada, ou minha caretice, ou seja lá o que for. Ele ficou *feliz* por eu ter dito isso. Deu para perceber pela rapidez com que desligou na minha cara; estava desde o início esperando que eu fosse dizer a coisa errada.

— Tudo bem — disse Abby, buscando ser pragmática. — De onde ele ligou?

— Como posso saber? Ele não tem endereço fixo, não entrou em contato o verão todo, já mudou de emprego duas vezes até onde nós sabemos, e provavelmente mais vezes, das quais *não* tomamos conhecimento... Um rapaz de dezenove anos e não temos a menor ideia de em qual parte do planeta ele está! Não dá para evitar imaginar que há algo de errado.

— Parecia interurbano? Dava para ouvir aquele ruído no fundo? Pense. Seria possível que ele estivesse aqui mesmo em Baltimore?

— Não sei, Abby.

Ela se sentou ao lado dele. O colchão se inclinou um pouco em sua direção; Abby era uma mulher grande, robusta.

— Temos de encontrá-lo — disse ela. — Devíamos ter um... Como é o nome? Um identificador de chamadas. — Ela se inclinou para a frente e lançou um olhar furioso ao telefone. — Ah, céus, quero um identificador de chamadas neste *exato* instante!

— Para quê? Para ligar de volta e ele deixar o telefone tocando?

— Ele não faria isso. Saberá que era eu. Atenderia, se soubesse que era eu.

Ela pulou da cama e andou de um lado para o outro no tapete persa, desbotado a ponto de ficar quase branco no meio, por

causa de todas as vezes em que pisara ali andando em círculos. Era um quarto agradável, espaçoso e bem projetado, mas tinha o ar confortavelmente desleixado de um lugar cujos habitantes haviam deixado de vê-lo fazia muito tempo.

— Como é que estava a voz dele? — perguntou ela. — Estava nervoso? Chateado?

— Estava bem.

— Isso é o que *you* diz. Acha que ele parecia bêbado?

— Não deu para perceber.

— Havia outras pessoas com ele?

— Não deu para *perceber*, Abby.

— Ou talvez... uma outra pessoa?

Ele lançou-lhe um olhar ácido.

— Você não *pode* estar pensando que ele falou sério — disse Red.

— É claro que ele falou sério! Por que outro motivo teria dito isso?

— O garoto não é gay, Abby.

— Como é que você sabe?

— Apenas sei. Escreva o que estou dizendo. Você aos poucos vai se dar conta da sua tolice e pensar: “Puxa, tive uma reação exagerada”.

— Bem, com certeza é nisso que você quer acreditar.

— Sua intuição feminina não lhe diz nada? Estamos falando de um menino que criou problemas para uma garota antes de

terminar o ensino médio!

— E daí? Isso não quer dizer nada. Pode até ter sido um sintoma.

— Como assim?

— Nós nunca podemos ter certeza de como é a vida sexual de outra pessoa.

— Não, graças a Deus — disse Red.

Ele se inclinou, com um grunhido, e esticou a mão para baixo da cama, a fim de pegar seus chinelos. Abby, nesse meio-tempo, tinha parado de andar e estava olhando mais uma vez para o telefone. Colocou a mão sobre o aparelho. Hesitou. Então, pegou o telefone bem depressa e o pressionou contra o ouvido por meio segundo antes de colocá-lo de volta com força no gancho.

— O problema com o identificador de chamadas — disse Red, meio para si mesmo — é que me parece trapaça. As pessoas devem estar dispostas a correr riscos ao atender ao telefone. Para mim, é tipo para *isso* que existem os telefones.

Ele se pôs outra vez de pé e se encaminhou ao banheiro. Atrás dele, Abby disse:

— Isso explicaria tanta coisa! Não é? Se ele fosse mesmo gay.

Red estava fechando a porta do banheiro a essa altura, mas meteu a cabeça ali e a encarou. As sobrancelhas dele, pretas e finas, normalmente retas como réguas, quase se encontravam agora.

— Às vezes — disse ele — eu lamento muito o dia em que me

casei com uma assistente social.

E fechou a porta com firmeza.

Quando voltou, Abby estava sentada na cama, os braços cruzados sobre a renda de sua camisola.

— Você certamente não vai jogar na minha profissão a culpa pelos problemas do Denny — disse ela.

— Eu só quis dizer que às vezes as pessoas podem ser compreensivas *demais* — respondeu ele. — Sabe, sensíveis e piedosas demais. Metendo-se nas áreas particulares do cérebro dos meninos.

— Não existe isso de ser “compreensivo demais”.

— Bem, falou a assistente social.

Ela soltou o ar num sopro exasperado e lançou outro olhar ao telefone. O aparelho ficava no lado de Red da cama, não no dela. Red levantou a coberta e se deitou, bloqueando a vista da esposa. Estendeu a mão e desligou a lâmpada na mesa de cabeceira. A escuridão tomou conta do quarto, restando apenas um brilho fraco nas duas janelas altas, que davam para o gramado da frente.

Red estava deitado agora, mas Abby continuou sentada. Ela perguntou:

— Você acha que ele vai telefonar de novo?

— Ah, sim. Mais cedo ou mais tarde.

— Ele precisou se valer de toda a sua coragem para telefonar pela primeira vez — disse ela. — Talvez tenha esgotado as

forças.

— Coragem! Que coragem? Nós somos os pais dele! Por que ele precisaria de coragem para telefonar para os próprios pais?

— É para falar com você que ele precisa de coragem — disse Abby.

— Isso é ridículo. Eu nunca levantei a mão para ele.

— Não, mas você o desaprova. Está sempre encontrando defeitos nele. Com as meninas você tem o coração mole, e Stem é mais parecido com você. Já o Denny... As coisas são mais difíceis para ele! Às vezes acho que você não gosta dele.

— Abby, pelo amor de Deus! Você sabe que isso não é verdade.

— Ah, você o ama, isso é verdade. Mas já vi a maneira como olha para ele, como se perguntasse: “Quem é essa pessoa?”. E não pense nem por um instante que ele não tenha notado isso também.

— Se for esse o caso — disse Red —, por que é de você que ele está sempre tentando se livrar?

— Ele não tenta se livrar de mim!

— Desde os cinco ou seis anos de idade ele não a deixava entrar em seu quarto. O menino preferia trocar os próprios lençóis em vez de deixar você fazer isso por ele! Quase nunca trazia amigos para casa, não dizia o nome deles, não dizia nem o que tinha feito na escola o dia todo. “Deixe-me em paz, mãe”, era o que ele queria dizer. “Pare de se intrometer, pare de

bisbilhotar, pare de ficar em cima de mim o tempo todo.” O livro ilustrado que ele relegou, aquele que odiava a ponto de arrancar todas as páginas, lembra? Era sobre o coelhinho que queria se transformar em peixe e em nuvem e coisa e tal para poder fugir, e a mamãe coelho ficava dizendo que ia se transformar também e ir atrás dele. Denny arrancou cada uma das páginas!

— Isso não tinha nada a ver com...

— Você quer saber por que ele se tornou gay? Não que ele *tenha* se tornado gay, mas, se *tiver* se tornado, se isso tiver passado pela sua cabeça só para nos chatear... Você quer saber por quê? Vou dizer por quê: a culpa é da mãe. A culpa é sempre da mãe que sufoca.

— Ah! — disse Abby. — Isso é tão ultrapassado e ignorante e tão *errado* que não vou nem me dar ao trabalho de responder.

— Você usa muitas palavras para quem não quer responder.

— E quanto ao pai? Quer voltar à Idade Média em busca de teorias? E quanto ao pai machão, o peão de obra que diz ao filho para se animar, ser corajoso, parar de choramingar sobre coisas sem importância, subir na droga do telhado e martelar as telhas?

— A gente não *martela* as telhas, Abby.

— E quanto ao pai? — perguntou ela.

— Tudo bem! Eu fiz isso. Fui o pior pai do mundo. Já foi.

Houve um momento de silêncio. O único som vinha de fora: o sussurro de um carro que passava.

— Eu não disse que você foi o *pior* — retrucou Abby.

— Bem... — disse Red.

Outro momento de silêncio.

Abby perguntou:

— Será que não há um número que você possa digitar para ligar para a última pessoa que telefonou?

— Asterisco 69 — disse Red, no mesmo instante. Pigarreou.

— Mas com certeza você não vai fazer isso.

— Por que não?

— Foi Denny quem optou por encerrar a conversa, caso você não tenha notado.

— Ele estava com os sentimentos feridos, foi por isso — disse Abby.

— Se estivesse com os sentimentos feridos, ele teria demorado a desligar. Não teria sido tão apressado em encerrar a ligação. Mas ele desligou como se estivesse *esperando* para desligar. Ah, ele estava praticamente esfregando as mãos quando me deu a notícia! Foi direto ao assunto. “Queria contar uma coisa.”

— Antes, você disse que era “*preciso* contar uma coisa”.

— Foi um dos dois — disse Red.

— Qual dos dois?

— Isso importa?

— *Sim*, importa.

Ele pensou por um momento. Então, repetiu, em voz baixa.

— “Preciso contar uma coisa” — experimentou. — “Gostaria

de contar uma coisa.” “Pai, eu gostaria de...” — interrompeu. — Honestamente, não me lembro.

— Você poderia digitar asterisco 69, por favor?

— Não consigo entender o que passou pela cabeça dele. Ele sabe que não sou homofóbico. Meu Deus, o cara que cuida das placas de gesso nas obras é gay. Denny sabe disso. Não consigo entender por que ele achou que isso me incomodaria. Claro que não vou comemorar. A gente sempre quer que o filho tenha a vida mais fácil possível. Mas...

— Dê o telefone — disse Abby.

O telefone tocou.

Red pegou o aparelho no mesmo instante em que Abby se jogou para agarrá-lo. Ele conseguiu alcançá-lo primeiro, mas houve certa disputa e, de algum modo, foi ela quem acabou com o aparelho na mão. Ajeitou-se e disse:

— Denny?

E em seguida:

— Ah, Jeannie.

Red voltou a se deitar.

— Não, não, nós não estamos na cama ainda — disse ela. Houve uma pausa. — Claro. O que houve com o seu? — Outra pausa. — Não tem problema nenhum. Vejo você amanhã às oito. Tchau.

Ela entregou o aparelho a Red, que o apanhou e estendeu a mão para colocá-lo de volta na base.

— Ela quer meu carro emprestado — contou.

Afundou de volta na cama. Depois disse, numa voz fina e triste:

— Acho que asterisco 69 não vai funcionar, agora, não é?

— Não — disse Red —, acho que não.

— Ah, Red. Ah, o que vamos fazer? Ele não vai telefonar nunca mais, nunca mais! Não vai nos dar outra chance!

— Ora, querida — disse ele. — Vai telefonar, sim. Garanto a você — então Red a puxou para si, acomodando a cabeça da esposa em seu ombro.

Ficaram deitados assim por algum tempo, até que aos poucos Abby se acalmou e sua respiração ficou lenta e uniforme. Red, porém, continuou olhando para a escuridão. Em dado momento, balbuciou algumas palavras para si mesmo, como se testasse o som.

— “Preciso contar uma coisa” — murmurou ele, não chegando nem a sussurrar. Depois — “Gostaria de contar uma coisa” — Depois: — “Pai, eu gostaria de...” “Pai, eu preciso...”

Ele sacudiu a cabeça com impaciência no travesseiro. Começou de novo.

— “... dizer uma coisa: eu sou gay”; “... dizer uma coisa: eu acho que sou gay”; “eu sou gay”; “eu acho que sou gay”; “acho que talvez eu seja gay”; “eu sou gay.”

Por fim, ele fez silêncio e pegou no sono também.



Bem, é claro que ele voltou a telefonar, não muito tempo depois. Os Whitshank não eram uma família melodramática. Nem mesmo Denny era do tipo que desapareceria da face da Terra, romperia contato ou pararia de falar com eles – não para sempre, pelo menos. Verdade que não os acompanhara na viagem à praia naquele verão, mas isso poderia ter acontecido de qualquer maneira; ele tinha de ganhar algum dinheiro para o ano letivo seguinte. (Estudava no St. Eskil College, em Pronghorn, Minnesota.) Telefonou em setembro. Precisava de dinheiro para comprar livros, disse. Infelizmente, só Red estava em casa no momento, por isso não foi uma conversa muito reveladora.

— Sobre o que vocês falaram? — Abby quis saber.

— Eu disse que os livros teriam de ser pagos com o salário dele. — Red contou.

— Mas vocês chegaram a conversar sobre aquele último telefonema? Você pediu desculpas? Você explicou melhor? Perguntou alguma coisa?

— Nós não chegamos a tocar nesse assunto.

— Red! — disse Abby. — Isso é um clássico! Essa é uma reação tão clássica: um jovem anuncia que é gay, e a família continua agindo como antes, fazendo de conta que não ouviu.

— Tudo bem — disse Red. — Telefone de volta para ele.

Ligue para o dormitório.

Abby não parecia segura.

— Que motivo eu daria para o telefonema? — perguntou ela.

— Diga que você quer interrogá-lo.

— Vou esperar até que telefone de novo — ela decidiu.

Quando ele telefonou de novo – o que aconteceu um mês, ou pouco mais, depois, e Abby estava lá para atender –, foi para falar sobre sua passagem de avião para as férias de Natal. Ele queria mudar a data de chegada, porque primeiro iria a Hibbing visitar a namorada. A namorada!

— O que eu poderia dizer? — perguntou Abby a Red mais tarde. — Tive de dizer: “Certo, tudo bem”.

— É, o que você poderia dizer? — concordou Red.

Ele não voltou a tocar no assunto, mas Abby ficou ruminando aquilo nas semanas antes do Natal. Dava para perceber que ela estava se coçando para trazer tudo à tona logo de uma vez. O resto da família a evitava cautelosamente. Não sabiam nada sobre o anúncio de que Denny era gay – Red e Abby tinham concordado nesse ponto, em não lhes dizer nada sem a aprovação de Denny –, mas podiam sentir que algo estava acontecendo.

O plano de Abby (embora não fosse o mesmo de Red) era sentar-se com Denny e ter uma conversa franca e agradável, logo que ele chegasse em casa. Mas, na manhã do dia em que ele deveria chegar, receberam uma carta de St. Eskil recordando os

termos de seu contrato: os Whitshank seriam responsáveis por pagar o próximo semestre, embora Denny tivesse abandonado a universidade.

— Abandonado — repetiu Abby. Fora ela quem abrira a carta, embora ambos a estivessem lendo. O modo lento e reflexivo como ela pronunciou a palavra trouxe à tona todas as suas ramificações. Denny tinha abandonado; era isso o que ele *sempre* fazia; tinha abandonado a família anos antes. Que outro adolescente americano de classe média vivia daquele jeito, perambulando pelo país como um vagabundo, completamente fora do controle dos pais, entrando em contato apenas esporadicamente e evitando sempre que possível lhes dar qualquer meio de entrar em contato com *ele*? Como as coisas chegaram a esse ponto? Eles certamente não tinham permitido que os outros filhos se comportassem assim. Red e Abby se entreolharam por um longo e desesperado momento.

Compreensivelmente, portanto, o assunto que prevaleceu no Natal daquele ano foi Denny ter deixado a universidade. (Ele chegara à conclusão de que estudar era um desperdício de dinheiro. Era tudo o que tinha a dizer, já que não fazia a menor ideia do que queria fazer da vida. Talvez dentro de um ou dois anos, afirmou.) Sua homossexualidade, ou sua não homossexualidade, pareceu se perder na confusão.

— Eu quase entendo agora por que algumas famílias fingem que não foram informadas — disse Abby após as férias.

— Aham — disse Red, uma expressão impassível no rosto.



Dos quatro filhos de Red e Abby, Denny sempre fora o mais atraente. (Pena que as meninas não fossem um pouco mais parecidas com ele.) Tinha o cabelo preto e liso dos Whitshank, olhos azuis estreitos e penetrantes e feições bem desenhadas, mas sua pele era um tom mais escuro que a dos outros, que era de um branco pálido, e nele o conjunto parecia funcionar melhor, não como um saco de ossos e protuberâncias. No entanto, havia algo em seu rosto – alguma irregularidade ou assimetria – que o impedia de ser de fato bonito. As pessoas que comentavam sua aparência o faziam tardiamente, com um tom de surpresa, como se estivessem se parabenizando por sua capacidade de discernimento.

Em ordem de nascimento, ele vinha em terceiro lugar. Amanda tinha nove anos quando ele nasceu, e Jeannie tinha cinco. Seria difícil para um menino ter irmãs mais velhas? Intimidante? Degradante? Aquelas duas às vezes eram terrivelmente seguras de si – sobretudo Amanda, que tinha uma veia autoritária. Mas ele não se importava tanto com Amanda e era razoavelmente afetuoso com Jeannie. Então, não havia sinais de alerta ali. Mas Stem... Stem chegou quando Denny tinha quatro anos. Isso, sim, podia ter sido um fator. Stem era

naturalmente bom. Às vezes há crianças assim. Era obediente, dócil e gentil, sem precisar fazer nenhum esforço.

O que não quer dizer que Denny fosse mau. Ele era muito mais generoso, por exemplo, do que os outros três juntos. (Trocou sua bicicleta nova por um gatinho quando o adorado gato de Jeannie morreu.) Não intimidava outras crianças nem apresentava acessos de raiva. Mas era muito reservado. Tinha umas fases de inexplicável obstinação, quando seu rosto ficava duro e tenso e ninguém conseguia romper essa casca. Parecia ser uma espécie de birra *interna*; parecia que sua raiva se voltava contra ele mesmo e o endurecia ou congelava. Red jogava as mãos para o alto quando isso acontecia e saía pisando duro, mas Abby não podia deixá-lo quieto. Tinha de dar um jeito de tirá-lo daquele estado. Queria ver felizes as pessoas que amava!

Certa vez, no supermercado, quando Denny estava por algum motivo ensimesmado, “Good vibrations” começou a tocar no alto-falante. Era a canção preferida de Abby, a que ela sempre dizia querer que tocasse em seu enterro, e ela começou a dançar. Abaixava-se e mexia os ombros e os quadris em torno de Denny, como se ele fosse um daqueles mastros enfeitados, mas ele apenas continuou andando pelo corredor das sopas com os olhos fixos no espaço à sua frente e as mãos enfiadas nos bolsos do casaco. Fez com que ela parecesse uma boba, Abby contou a Red quando chegou em casa. (Ela estava tentando rir da situação.) Não chegara nem a olhar em sua direção! Tratou-a como se

fosse uma maluca qualquer! E isso foi quando ele tinha nove ou dez anos, nem de longe a idade em que os meninos acham suas mães constrangedoras. Mas ele achava Abby constrangedora desde a primeira infância, evidentemente. Agia como se lhe tivessem dado a mãe errada, disse Abby, e ela simplesmente não se dava conta disso.

É bobagem pensar assim, Red lhe disse.

E Abby disse que sim, sim, ela sabia disso. Não tinha sido exatamente o que ela pretendia dizer.

Os professores telefonavam com frequência para Abby: “Poderia vir conversar sobre Denny? Assim que possível, por favor”. A questão era falta de atenção, preguiça ou negligência, nunca incapacidade. Na verdade, no fim da terceira série, ele pulou um ano, pela teoria de que talvez só precisasse de um desafio maior. Mas foi provavelmente um erro. Isso fez com que ele se integrasse ainda menos. Os poucos amigos que tinha eram questionáveis – meninos que não iam à escola, meninos que deixavam o resto da família desconfortável nas raras ocasiões em que apareciam, resmungando, arrastando os pés e olhando noutra direção.

Ah, havia ocasiões promissoras, de vez em quando. Ele ganhou um prêmio num concurso de ciência, uma vez, por inventar uma embalagem que evitava que os ovos rachassem mesmo que você a atirasse longe. Mas foi o último concurso em que entrou. E, num certo verão, ele começou a tocar trompa

(tivera algumas aulas durante o ensino fundamental) e mostrou mais perseverança do que a família jamais vira nele. Durante várias semanas, uma versão estridente, tosca e nebulosa do “Concerto para trompa número 1” de Mozart soou através da porta fechada de seu quarto por horas intermináveis, hesitante, incansável, até Red começar a xingar baixinho; mas Abby acariciou a mão de Red e disse:

— Ah, pense bem, poderia ser pior. Poderiam ser os Butthole Surfers. — Era a banda que Jeannie ouvia no momento. — Acho maravilhoso que ele esteja se dedicando a um projeto — disse ela, que, sempre que Denny parava durante alguns compassos para as passagens da orquestra, cantarolava as notas que faltavam. (Toda a família conhecia a peça de cor a essa altura, já que o aparelho de som reproduzia a interpretação de Dennis Brain para o concerto sempre que o próprio Denny não estava tocando.) Mas, assim que ele conseguiu tocar todo o primeiro movimento sem ter de voltar e recomeçar, desistiu. Disse que a trompa era um instrumento chato. “Chato” parecia ser a sua palavra favorita. A colônia de férias de futebol também era chata, e ele desistiu depois de três dias. A mesma coisa com o tênis; a mesma coisa com a equipe de natação.

— Talvez devêssemos reagir de outro modo — Red sugeriu a Abby. — Não ficar animadíssimos sempre que ele demonstra interesse por alguma coisa.

Abby retrucou:

— Nós somos os pais dele! Os pais *devem* ficar animados.

Embora Denny zelasse obsessivamente por sua privacidade – comportando-se como se estivesse escondendo segredos de Estado –, ele próprio era um inveterado bisbilhoteiro. Nada estava a salvo dele. Lia os diários das irmãs e os arquivos dos clientes da mãe. Deixava as gavetas suspeitamente arrumadas por cima, mas remexidas por baixo.

Então, quando chegou à adolescência, havia a bebida, os cigarros, a evasão escolar, a maconha e talvez coisa pior. Carros surrados parando diante de casa com motoristas desconhecidos buzinando e gritando “e aí, punheteiro?!”. Duas vezes ele teve problemas com a polícia – uma, por dirigir sem carteira de motorista; outra, por identidade falsa. Seu estilo de se vestir ia muito além daquele do adolescente desalinhado normal: sobretudos de idosos comprados em mercados de pulgas; calças de tweed folgadas e sujas; tênis remendados com fita isolante. Seu cabelo estava constantemente sujo, ficava viscoso de gordura, e ele exalava o cheiro de um armário de roupas mofadas. Podia ser um sem-teto. Isso era tão irônico, Abby disse a Red. Um membro da família Whitshank, uma daquelas invejáveis famílias que irradiam limpeza e união e... excepcionalidade; mas ele se arrastava como alguém que recebia auxílio de instituições de caridade.

A essa altura, os dois garotos trabalhavam meio período na construtora Whitshank. Denny se mostrou competente, mas não

tão bom com os clientes. (Para uma mulher que disse, flertando: “Será que você vai deixar de gostar de mim se eu disser que mudei de ideia sobre a cor da pintura?”, sua resposta foi: “Quem disse que eu gosto de você?”.) Stem, por outro lado, era prestativo com os clientes e dedicado ao trabalho – fazia hora extra, perguntava o que não sabia, implorava por outro projeto. Se envolvesse madeira, ele implorava. Stem gostava de trabalhar com madeira.

Denny desenvolveu um tom pomposo de voz, arrogante e divertido. “Claro, meu jovem”, ele respondia, quando Stem pedia a seção de esportes; “como você quiser, Abigail”. Nos conhecidos “jantares para os órfãos” de Abby, com seus grupos de desajustados, solitários e infelizes, o comportamento cortês de Denny parecia inicialmente charmoso mas, em seguida, ofensivo.

— Por favor, eu insisto — disse ele à sra. Mallon —, fique com a minha cadeira; ela vai aguentar melhor seu peso.

A sra. Mallon, uma divorciada elegante que tinha orgulho de sua magreza extrema, exclamou:

— Ah! Por que... Mas ele disse:

— A *sua* cadeira parece meio frágil — e seus pais não podiam fazer nada, não sem chamar ainda mais atenção para a situação.

A B. J. Autry, uma loira avermelhada cuja risada dura feito um grasnado incomodava a todos, Denny dedicou um domingo de Páscoa inteiro elogiando seu “riso feito o tilintar de um sino”. B.

J. deu o troco na mesma moeda.

— Deixe-me em paz, garoto — disse ela, finalmente.

Red passou um sermão em Denny depois.

— Nesta casa — disse ele —, nós não insultamos os nossos convidados. Você deve a B. J. um pedido de desculpas.

Denny retrucou:

— Ah, falha minha. Não sabia que ela era uma flor tão delicada.

— Todo mundo é delicado, meu filho, se você cutucar o suficiente.

— Sério? Não eu — disse Denny.

Claro que pensavam em mandá-lo fazer terapia. Abby pensava, pelo menos. Pensava nisso desde sempre, mas agora ela estava ficando mais insistente. Denny se recusava. Um dia, durante seu penúltimo ano na escola, a mãe lhe pediu ajuda para levar o cachorro ao veterinário – uma tarefa que requeria duas pessoas. Depois que tinham arrastado Clarence até o carro, Denny se jogou no banco da frente e cruzou os braços sobre o peito, e eles partiram. Atrás deles, Clarence choramingava andando para lá e para cá, arranhando o estofamento de vinil. Os resmungos viraram ganidos conforme o consultório do veterinário se aproximava. Abby passou do veterinário e seguiu em frente. Os ganidos ficaram mais fracos e questionadores, e por fim, cessaram. Abby dirigiu até um prédio baixo de estuque, estacionou em frente e desligou o carro. Caminhou rapidamente

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Um carretel de linha azul"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).